

## REFLEXÕES EM TORNO DAS NARRATIVAS DAS PROFESSORAS SOBRE SI: DIANTE DO ESPELHO

Isabella Júlia Santana da Silva<sup>1</sup>

Rafaela Soares Celestino<sup>2</sup>

### RESUMO

Esta pesquisa ouviu o relato de cinco professoras da Rede Municipal de Olinda, com o intuito de analisar as narrativas destas sobre o que é ser mulher e as concepções de gênero que apresentam em seus relatos. Além disso, também procuramos investigar como se dá a relação entre a docência e ser mulher, identificar como concebem sua profissão e refletir se as produções discursivas em torno profissão interferem na forma como se veem como mulher. A abordagem desta pesquisa é de cunho qualitativo e teve como instrumento a entrevista semi-estruturada, o que no possibilitou identificar uma dualidade das concepções de gênero emergentes nas narrativas das professoras, que se dividiram entre concepções de gênero num sentido biológico e outras num sentido de construto social. Além disso, todas atrelarem atribuições socialmente ligadas a mulher também a docência, o que reafirma o imaginário social que dá base a feminização da docência.

**Palavras chave:** Gênero, Feminização da Docência, Sexualidade.

### 1. ELEMENTOS INTRODUTÓRIOS

Desajusta o relógio, regula teu ódio e controla a tua dor. Descontamina a insanidade de infância controlada. Desforma, deforma, dá forma a uma nova visão de mundo. Nada podes fazer de si mesmo que não seja paixão, esquece o olhar de aferir e projetar. Há muita pólvora no chão de brincar, muita verdade de lágrimas. Sabedoria é coisa condenada pela ignorância do laboratório. Tratado científico de outrora sofre de surdez de sorriso infante. Descompassa a régua, subtrai as verdades, multiplica as experiências, divide os sonhos e desOUTROMina teu olhar. (Rafaela Celestino)

O que nos trás aqui é um percurso cheio de incômodos diante de uma formação que exige que mulheres ocupem um lugar previamente reservado na sociedade patriarcal, que visa o enaltecimento do homem a partir da inferiorização e subserviência da mulher. Antes de

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco; E-mail: [isabella.juliappf5@hotmail.com](mailto:isabella.juliappf5@hotmail.com); 2018.2.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco; E-mail: [rafaela.celestino.soares@gmail.com](mailto:rafaela.celestino.soares@gmail.com).

nascer já são traçados diversos planos para o que devemos ser e esses planos são efetivados pelas instituições, como: a família, a igreja, o hospital, a escola, etc. Na escola, o lugar reservado para a mulher é cobrado de modo bem incisivo, pois, a escola tem assumido a função de formar os indivíduos para reproduzirem papéis nos moldes daquilo que a sociedade coloca como “certo”.

A questão da mulher na sociedade sempre foi uma temática complexa, tendo em vista que durante séculos esta foi silenciada em diversos espaços da sociedade. A partir da década de 1960, especificamente através de grupos feministas, têm se tornando recorrente, movimentos que visam emancipar o papel da mulher na sociedade, desde concepções sobre o seu lugar na sociedade, suas funções no cotidiano do âmbito privado até as profissões que ocupa. Para Simone de Beauvoir (2016), não se nasce mulher, torna-se mulher, com isso a autora afirma que toda a construção em torno da subjetividade da mulher foi um discurso construído socialmente, sempre é atribuído à mulher o que ela deve fazer ou não, ou seja, o que é aceitável para um comportamento em sociedade.

Desta forma, encontramos na literatura explicações de ordens diversas para atribuir para a mulher um papel secundário, um segundo sexo (BEAUVOIR, 2016). Acreditou-se (e ainda acredita-se) que a mulher foi criada da costela do homem, discurso religioso que implicou nessa subalternidade das mulheres na sociedade. Já na ciência, ainda persistem afirmativas que delegam ao corpo da mulher uma fragilidade, o que retirou sua participação de diversos espaços da sociedade.

Com isso, queremos dizer que os dispositivos históricos e sociais, foram decisivos para que não tenhamos a história da mulher registrada, negou-se o protagonismo da mulher nas lutas sociais, não é muito difícil perceber isso num fato histórico em algum livro para identificar a rara presença da mulher, seja na literatura, na política ou nas artes. Quando a mulher ousou sair dos padrões ditados para ela, os aparelhos repressores se encarregaram de rapidamente puni-la.

Diante disso, queremos saber como as professoras concebem o que é ser mulher, tendo em vista que historicamente na educação brasileira tal profissão foi hegemonicamente ocupada por mulheres. O que isso significa? Significa que a escolha da profissão não é apenas uma questão de dimensão subjetiva, ela é carregada por produções discursivas sociais, daí a importância de identificar como elas se percebem como mulheres e como tais concepções dialogam com a docência.

Vale salientar, que embora saibamos que determinadas profissões foram historicamente delegadas para as mulheres, nossa pretensão não é comparar a profissão com as narrativas delas, queremos saber, antes de qualquer dispositivo, para elas o que é ser mulher, pois a profissão que ocupa é apenas um pequeno dispositivo social que reforça as construções sociais. A família, os diversos espaços públicos, os comportamentos, a ciência, há todo um aparato que se encarregou, e ainda se encarrega, de subjetivar o lugar da mulher, tornando aquilo que a sociedade concebe como algo engendrado na própria personalidade. A mulher internalizou o que é ser mulher a partir do processo de formação social que em cada mínimo momento determina esse significado.

Diante do exposto, esta pesquisa ouviu o relato de cinco professoras da Rede Municipal de Olinda, com o intuito de analisar as narrativas das professoras sobre o que é ser mulher e as concepções de gênero que se apresentam em seus relatos. Além disso, também procuramos investigar como se dá a relação entre a docência e ser mulher, identificar como concebem sua profissão e refletir se as produções discursivas em torno da profissão interferem na concepção sobre ser mulher.

Para a realização desta pesquisa, delimitamos sua abordagem como qualitativa e decidimos que o procedimento de pesquisa seria a entrevista semi-estruturada. A pesquisa lida com nosso posicionamento diante do mundo, ela também é capaz de revelar que lado o pesquisador politicamente se encontra. Por isso, nem sempre os métodos mais tradicionais conseguem fornecer sutilezas que uma pesquisa com abordagem qualitativa pode apresentar, principalmente quando envolvemos o trabalho com a memória e o relato oral.

Desta forma, a entrevista semi-estruturada que apresentaremos aqui não tem o propósito de julgar os entrevistados dentro de categorias de análises previamente elaboradas, uma postura bem clássica e conhecida na forma de fazer ciência. Assim, a entrevista semi-estruturada é uma estratégia que nos permite para além dos aspectos técnicos, maior espaço de liberdade na fala das professoras, proporcionando uma maior possibilidade do surgimento mais detalhado e aprofundado de dados através do relato das entrevistadas.

A entrevista semi-estruturada possibilita ao entrevistado um lugar de discorrer de modo mais livre sobre a temática em questão, sem respostas ou condições pré-estabelecidas pelo pesquisador ( MYNAIO, 2000 ). Assim delimitamos três questões para a entrevista, que foram: para você o que é ser mulher? Para você como é ser mulher e professora? O fato de ser mulher exerceu alguma influência na escolha da profissão?

Neste sentido, buscamos uma forma discursiva que nos possibilitasse obter das narrações o maior número possível de elementos, sem interferir ou conduzir a fala em

excesso. Esperamos desta forma, contribuir para o debate sobre gêneros em educação, mas que isso, vislumbramos no processo alterar a nossa subjetividade com a experiência diante daquilo que iremos nos deparar.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 ALGUMAS FALAS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE: TRAÇANDO CAMINHO PARA O DEBATE.**

A sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações símbolos, processos culturais e plurais. No entanto, a sociedade estabelece padrões ditos como “naturais” e nega que o corpo deixa de ser natural através de processos culturais, pois os corpos ganham sentido social nas transformações. Por isso, a natureza e a biologia inscritas para o gênero masculino e feminino são feitas em um determinado contexto da cultura, ou seja, a identidade dos gêneros e identidades sexuais são compostas e definidas por relações sociais modeladas pelas redes de poder de uma sociedade (WEEKS, 2016).

Neste cenário, o corpo é visto como o corte de um julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar, é uma referência que ancora na identidade e que precisa mostrar o que convém a dita sociedade “normal”. Caso uma pessoa seja do sexo biológico-macho, ele por padrões estabelecidos pelo senso comum deve se comportar como um homem, devidos aos padrões estabelecidos na sociedade.

A sociedade estabelece divisões e atribui rótulos que pretendem fixar as identidades, os corpos que transgridem esses padrões são abjetos e subalternos. Somos reféns das regras estabelecidas quando treinamos nossos sentidos para aprender a decodificar as regras estabelecidas e classificamos os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos e pela forma como se expressam. A sociedade constrói os contornos que são demarcadores das fronteiras entre aqueles que representam as normas e os que não representam, sendo através de debates dessas temáticas urgentes e dos movimentos feministas que os grupos subordinados contestam a normalidade e a hegemonia das identidades ditas normais.

Aqui vamos perceber que para Louro (2007), a sexualidade é um dispositivo histórico para o controle social, ela não era debatida, e no caso das mulheres era um assunto restrito que só deveria ser conversado com pessoas próximas. O debate sobre gênero e sexualidade, é feito com um conjunto de fatores, a geração, a classe social, a raça, religião e nacionalidade,

esses pontos que vão influenciar no debate, e reforça o dispositivo histórico, controlando a sociedade.

Na década de 1960 emergem os debates sobre sexualidade, mudanças na concepção acerca das sexualidades marginalizadas, suas práticas e as identidades de gênero. A sexualidade começa a ser vista não como questão do indivíduo, mas como elemento social e político, ou seja, construída ao longo da vida em sociedade.

Assim, a sexualidade dentro da norma social é estabelecida pelo sexo biológico que o indivíduo já tem ao nascer, determinado com aquele sexo, como algo de natureza, universalizando todos. Não à toa, o discurso social reforça e quer que todos tenham sua identidade e sexualidade já estabelecida na heterossexualidade, pois é mais seguro não ter alterações e mudanças, o que facilita o controle dos corpos. Essa compreensão é totalmente equivocada, definir a sexualidade e identidade pelo fator biológico, nega que é durante a vida dos indivíduos que se atribuem significados para seu comportamento em sociedade (LOURO, 2016).

Dentro da concepção de controle e heteronormativa, o corpo é higienizado e controlado, a sociedade estabelece padrões para ser seguidos e almejados. Um homem, hétero, branco e cristão, bem vestido, quase sempre ocupa um lugar de prestígio, por outro lado, a mulher é lida como segundo sexo (BEAUVOIR, 2016) e sempre ocupando lugares e profissões de menor reconhecimento e status.

Louro (2007) ainda destaca que as identidades sociais são culturais e políticas, e demarcam relações de poder, a heterossexualidade é tida como normal e natural e as demais são marginalizadas e antinaturais. Dentro desse contexto, cabe a mulher servir e seguir aquilo que os dispositivos sociais estabeleceram para sua trajetória no mundo, seja em qual campo esteja ocupando.

Diante disso, todo esse percurso de padronização e normalidade é desenvolvido ao longo da vida dos indivíduos e um dos aparatos do controle social são os discursos produzidos sobre o que é ser mulher. A sociedade precisa criar homens e mulheres dentro do normal aceitável, ditando regras, vigiando e punindo os indivíduos, tentando inibir a sexualidade, deixando-a para depois, mais exatamente na sua vida adulta, criando indivíduos inseguros e depressivos sobre suas sexualidades (FOUCAULT, 1987).

Dentro desta concepção de gênero socialmente dominante se cria o pânico moral, pois a sociedade tenta esconder o debate de gênero e sexualidade, as mídias diversas estão a todo tempo mostrando e reforçando a sexualidade, pois até aqui a sexualidade é algo privado que não é vista. As meninas e meninos serão conduzidos de forma diferente, dentro da

heterossexualidade, a afetividade entre meninos não é bem aceita, eles são reprimidos, não demonstraram sentimento, devem ser musculosos, suas vozes devem ser grossas, já as meninas precisam sempre serem as recatadas, quietas e cheias de sentimentos, devem desempenhar funções domésticas, e sempre estarão ditas impuras no período menstrual.

As outras sexualidades (como as transexualidades), elas serão ocultadas, aceitas se forem feitas escondidas, nada de demonstrar essa afetividade em público, e dentro da escola, os alunos aprenderão piadas de gozações e reforçaram o preconceito. Os adolescentes devem passar para vida adulta e com isso devem mostrar um retorno positivo para sociedade ocupando os espaços pré-estabelecidos socialmente para os papéis do gênero. A nudez entre os homens é aceita e vista como algo normal, já entre as mulheres há um pudor para esconder em seus corpos, pois eles não podem ser visto se não for por seus parceiros.

A resposta a essas interdições das demais sexualidades é a resistência, por isso surge como possibilidade de começar a lutar dentro dos movimentos feministas, de lésbicas, bissexuais, gays e transsexuais, com intervenções políticas e debates sobre a sexualidade, com intenção de desmistificar a concepção de que a heterossexualidade é da natureza de todos os indivíduos, Louro (2007) tenta mostrar que todo o processo perpassou pela produção social do discurso.

## 2.2 O MAGISTÉRIO COMO UMA PROBLEMÁTICA HISTÓRICA DE GÊNERO

A escola como espaço privilegiado na reprodução de relações sociais nem sempre foi constituída e ocupada neste formato, à medida que novas contingências e classes sociais foram se colocando para ela, ela foi se configurando desde o espaço físico até os currículos, especificamente naquilo que se remete ao comportamento e condutas sociais.

A escola no início foi conduzida por homens ( jesuítas ) e voltada à formação dos meninos, brancos e da elite. Aos poucos ela se viu obrigada a atender meninos de outras classes sociais, o que não modificou a forma dela atender distintivamente os diferentes grupos sociais. Dentro desse contexto, a mulher entra mais tarde nestes espaços e ainda de maneira direcionada, pois durante muitas décadas não se admitia a formação para as mulheres.

Com a entrada das meninas na sala de aula e outros grupos sociais, a mulher também entrou no magistério, mas isso não se deu de maneira harmônica, pois a ideia de atribuir uma ação formativa foi deslegitimada para a mulher tendo em vista que exigia capacidades intelectuais, que na acepção de muitos da época não era uma atribuição da mulher. Louro (1997) diz que:

A entrada das mulheres no exercício do magistério – o que, no Brasil, se dá ao longo do século XIX (a princípio lentamente, depois de forma assustadoramente forte) – foi acompanhada pela ampliação das meninas na sala de aula. Mas, essa não foi, de forma alguma, uma entrada tranquila. Objeto de disputas e polêmicas, a possibilidade de mulheres exercerem o magistério foi, como sabemos, contestada através de diferentes discursos (LOURO, 1997, p. 78).

Por outro lado, a tentativa de justificar a entrada da mulher no magistério se deu a partir da fundamentação de que a mesma tinha, por natureza, uma inclinação para cuidar das crianças, que são por natureza as primeiras educadoras, assim o magistério passaria a ser exercido com uma função extensiva a maternidade. “O magistério precisava ser compreendido, então, como uma atividade de amor, de entrega e doação, para a qual ocorreria quem estivesse vocação” (LOURO, 1997, p.78).

Nesse construto o magistério foi sendo associado à dimensão religiosa, e as atribuições docentes passaram a ter sintonia com caráter sacerdotal, o que contribuiu para uma melhor aceitação da mulher na profissão. Com isso, não estamos querendo afirmar que apenas essa concepção de docência foi presente, historicamente vamos ter várias iniciativas educacionais e projetos de escolas diferentes daquelas associadas a mimese cristã, mas o que queremos dizer é que tal influência contribuiu para que a vida das professoras e professores passassem a ser controladas e vigiadas socialmente, tendo em vista que deveriam ser um exemplo para seus alunos. Como afirma Louro (1997):

Essas tarefas representam, sem dúvida, um pesado encargo social de profundos efeitos sobre suas vidas. Para bem poder exercer o papel de modelo para crianças e jovens, os professores e, de modo muito especial, as professoras viram-se obrigados/as a um estrito controle sobre seus desejos, suas falas, seus gestos e atitudes, encontrando na comunidade um fiscal e um sensor de suas ações. (LOURO, 1997, p. 79).

Com isso, queremos apontar que historicamente a entrada da mulher no magistério teve muitas vezes seu papel contornado por ações ditas e mimetizadas a partir das atribuições que eram socialmente dadas aos homens, professoras sérias de exemplo eram aquelas séria, associadas a figuras rústicas e que não sorrir e que eram duras, se vestiam de maneira composta e roupas com cores escuras, isso detonava certa seriedade na época. Outras vezes, foi comparada a doçura, a mulher que dedicava sua vida aos alunos, já que não cumpriu o

papel social do casamento. “Sem dúvida essa não é a solteirona severa, mas a professorinha objeto do desejo amoroso. Ela ainda é a mulher pura, uma operária divina, que se contrapõe à vida desregrada do homem que sonha com ela” (LOURO, 199, p. 83).

Da professora rude, a professorinha do desejo, até a tia que surge num contexto em que ao mesmo tempo, que se tenta sair do improvisado e buscar a profissionalização da área, se justifica no magistério feminino a precarização salarial, já que a tia é ainda uma função extensiva do lar, portanto desprovida de qualquer técnica que a mereça um salário mais digno, tias não precisam ser pagas para cuidar de seus sobrinhos.

Com a busca da profissionalização da docência, abertura política em fins da década de setenta e início da década de oitenta, outro movimento entre as mulheres vão surgindo, as mulheres trabalhadoras e no movimento sindical. Assim, diferentes representações de ser professora vão dando lugar na profissão, o que vai permitindo aos poucos a rejeição desse papel extensivo a maternidade ou aquela que cumpriu sua missão docente como alternativa para suprir a solteirice. “Diferentes identidades que continuam se transformando, que escapam ou se contrapõem, impedindo que possamos, afinal, concluir definitivamente sobre quem é essa mulher, ou melhor, quem é esse sujeito, que se diz professora ou professor” (LOURO, 1997, p. 83).

### 2.3 FEMINIZAÇÃO DA DOCÊNCIA: O NÃO LUGAR DA MULHER

As discussões de gênero abordadas neste estudo dialogam com as perspectivas concebidas por Louro (1997), pensando assim o gênero como resultado das relações sociais, não se nutrendo de premissas biológicas, mas sim da perspectiva de que essas concepções dizem respeito ao construto social. O discurso da cultura hegemônica que é patriarcal delimitou o que significa ser humano e atrelou isso a normativa de que o homem é o padrão da humanidade e que a mulher seria uma figura secundária, ou seja, a mulher seria tudo aqui que não é o homem, isso mostra que nesse modelo de sociedade a mulher não definida pelo que é, mas pelo o que não é, por causa disto ela é subalterna (BEAUVOIR, 2016 ). Por essa perspectiva entende-se o homem enquanto eu e a mulher enquanto outro, o outro trata-se de tudo que o eu rejeita, o sem voz, passiva e sem poder.

Pensando um pouco mais nas questões postas anteriormente neste texto, Beauvoir (2016) fala da inexistência de características e modos de vida naturalmente femininos, pois estes padrões quem definiu foi o próprio patriarcado com o intuito de internalizar isso nas mulheres e mantê-las nas condições. Ao invés de naturalizar a definição patriarcal o mais interessante



seria redefinir o ser humano em outras possibilidades e se afirmarem com tal. Não se trata de igualar-se aos homens para assim terem seus direitos de seres humanos garantidos e efetivados, mas de desbancar a lógica de segundo sexo imposta às mulheres ao longo dos séculos por essa formação social.

Essa formação é tão sutil que a legitimidade da existência da mulher está atrelada a existência de um homem, por isso nessa ótica para ela ser considerada um ser “respeitável” e manter minimamente sua integridade ela precisa de um homem (pai, irmão, marido, etc. ). Quando ela não os têm, para sobreviver ela é levada a tomar atitudes e algumas vezes trejeitos socialmente empregados ao homem, ele é levada a “*ser mais macho que muito homem*” essa ideia de “macho” soa como um elogio, como superior, e é exatamente esse movimento de necessitar ser “lida” como homem para poder ter direitos garantidos que Simone vem questionar.

Ao mesmo tempo que as instituições ou os mecanismos sociais fabricam socialmente o gênero a classe e a raça, esses demarcadores sociais também são ativos na fabricação as instituições e mecanismos sociais, assim podemos afirmar que as instituições têm gênero, por exemplo a escola. Ao tentar identificar o gênero da escola pode-se cair na binaridade existente entre o feminino pelo fato de por exemplo, as legislações trazerem características de relações familiares para as práticas docente, características como: afeto, confiança, cuidado, etc., e o masculino pelo tato com o conhecimento e os próprios materiais didáticos ( como livros, apostilas, cartilhas, etc. ), que tem sido pensado e produzido pelo homem ao longo da história, por essa possibilidade de enxergar o gênero escolar como masculino, ainda que a grande massa docente seja composta por mulheres, essas estariam imersas no mundo masculino. Louro (1997 ) fala que “a escola é atravessada pelos gêneros”, sendo assim não é possível definir ao certo apenas um gênero para a escola.

Com a ascensão do cristianismo a escola (assim como a família e outras instituições) passou a ser utilizada para a fabricação do cristão. Para isso era necessário disciplinar não somente os alunos, mas também os agentes desta formação, ou seja os professores. Assim o professor deveria ensinar comportamentos e virtudes que saíssem da escola e fossem para prática social dos estudantes e por isso passou-se a cobrar coerência entre a prática social do professor juntos aos ensinamentos da sala de aula.

Neste contexto os professores eram homens e religiosos, isso tem forte influência na construção do imaginário social que liga a docência a um tipo de sacerdócio e missão, inclusive aqui no Brasil os entre os anos de 1549 a 1570 os Jesuítas realizavam as missões o que Saviani ( 2007 ) chama de “período heróico”. Neste período os Jesuítas realizavam as

missões as quais tinham como objetivos catequizar os indígenas ensiná-los a ler e escrever. Neste período a Companhia de Jesus não recebia nenhum tipo de recurso financeiro da coroa portuguesa.

Segundo Guacira Lopes Louro (1997), as instituições ou atividades sociais como a escola e o magistério passam por transformações, e uma das principais transformações sociais no magistério está a feminização da docência. A partir do surgimento das escolas para meninas, era necessário um currículo que ensinasse para elas os valores e práticas de “futuras senhoras de respeito”, honestas e prudentes. Desta forma, era necessário que as professoras destas alunas atuasse didaticamente para formar esse perfil social empregado a mulher. É importante enfatizar que neste contexto as mulheres já recebiam bem menos que os homens ou não recebiam nenhuma remuneração.

A feminização da docência foi possível, entre outras coisas, ao fato da prática docente está atrelada aos ensinamentos da “verdadeira carreira das mulheres” que era o casamento e a maternidade. Assim, o magistério tomou para si características tidas histórica e tradicionalmente como femininas, tais como, sensibilidade, cuidado, amor, etc. Somente desta forma a docência feminina poderia ser aceita como uma profissão marcadamente exercida por mulheres. Foi neste período que os currículos dos cursos de magistério apresentavam disciplinas como, higiene, psicologia, puericultura, etc. Ou seja, passaram a compor a formação docente matérias que estavam mais ligadas aos cuidados da crianças, numa perspectiva materna, não à toa estas área de formação compõe o currículo da Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental, embora seja numa abordagem diferenciada desta época, vão marcar a feminização do magistério.

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Era para ser um tratado, mas se dissolveu com o método, cambaleou na verdade, se embriagou com o discurso e esqueceu as fórmulas. Acordou sem ressaca moral, tomou um café e suspirou aliviada. É que na conversa de ontem passearam felizes pelo passado e interromperam a imaginação no presente (CELESTINO, 2016, 104).

Para a realização de nosso trabalho, adotamos a abordagem qualitativa para esta pesquisa, a qual após a construção do corpo teórico e dos pressupostos, objetivou interpretar elementos a partir da realidade concreta, num processo de construção de conhecimentos. Pois, a pesquisa qualitativa lida com sujeitos em relação, com concepções e grupos específicos.

Para Ludke e André (1986), a abordagem qualitativa permite “considerar os diferentes pontos de vista dos participantes” (p.12). Sendo assim, nosso estudo não visou fazer comparações ou levantamentos estatísticos sobre a temática, desta forma, a entrevista semi-estruturada foi um instrumento potente para a coleta e análise do material.

Nesta perspectiva, o este trabalho recorreu a dois procedimentos metodológicos, ambos pensados a partir do referencial teórico e dos aspectos operacionais que envolvem o campo conceitual da pesquisa (MINAYO, 1998); neste sentido buscamos apoio nas referências estrangeiras e nacionais de pesquisadores que abordam a problemática; o outro se referiu a entrevista semi-estruturada, como dissemos anteriormente. Sendo assim, buscamos responder às seguintes questões: 1) Como as construções sobre o que é ser mulher reverberam na escolha de sua profissão? No que se refere à entrevista narrativa, analisaremos o item: 2) Quais as concepções de gênero que permeiam as narrativas sobre o que é ser mulher apontadas pelas professoras?

Embora, saibamos que a entrevista tenha suas limitações na coleta dos dados e que sempre passa a ser muito mais uma escolha e orientação do pesquisador, a partir das falas dos sujeitos participantes foi possível localizarmos não apenas um pensamento isolado, mas falas que caracterizam um grupo, pois o entrevistado traz consigo valores e comportamentos de seu grupo social, além disso, uma entrevista ou qualquer outro método que se proponha a investigar grupos humanos não conseguirá ser neutro, todo o processo estará rodeado de concepções teóricas e visões de mundo.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES; DIANTE DO ESPELHO: O QUE PERPASSAM AS NARRATIVAS?**

No decorrer da pesquisa discutimos sobre o papel socialmente empregado a mulher por meio das construções históricas das sociedades ocidentais que ao longo dos séculos inscreveu sutilmente em homens e mulheres os sigmas do machismo, desde os olhares até as mais ferrenhas atitudes que permeiam o dia a dia. Com base nas discussões de autores como Simone de Beauvoir (2016) e Guacira Lopes Louro (2007), foi possível ter uma visão ampla de como se deram alguns processos que constituíram o modelo ocidental socialmente construído do que seria ser uma mulher.

Neste íterim, é possível observar o trajeto desses processos sociais em torno do gênero a partir das discussões de diversos pensadores, que em geral, são teóricos homens que ao longo de suas produções escritas ou influências sociais adotaram um discurso de modelos irrevogáveis para o ser homem e principalmente ser mulher.

Tendo ciência desse importante debate teórico, político e social nos sentimos provocados a pensar quais seriam as concepções de gênero que permeiam as falas das professoras da rede municipal de Olinda. Nos limitamos a entrevistar cinco professoras da rede, para viabilizar a pesquisa dentro do tempo que foi estabelecido. Sendo elas sindicalistas, acreditamos que possivelmente estariam mais ligadas às discussões políticas, que são indispensáveis para se pensar a profissão e a mulher na contemporaneidade, como por exemplo as discussões que dizem respeito ao tripé gênero, raça e classe.

A primeira questão se propõe a seguinte problemática para análise, com o fim de saber quais concepções de gênero que se apresentam em seus relatos, fizemos a seguinte pergunta: “Para você o que é ser mulher?”

*Ser mulher é a delícia da vida, eu não saberia ser outra coisa que não fosse mulher claro que é algo dotado de desafios e hoje eu acho que a mulher no decorrer do tempo nessa luta pela libertação autonomia pelas conquistas de estado e de viver espaços na sociedade a mulher acabou abarcando para si uma carga grande até de atividades, mas eu acho essa carga deliciosa essa carga é fruto de lutas essa carga é fruto do acesso ao mercado de trabalho que não havia antes então tudo da vivência da mulher eu acho grandioso. ( Entrevistada 1 )*

Nesta narrativa, podemos observar que a entrevistada 1 fixa-se no prazer que ela sente em ser mulher, mas reconhece os desafios ser mulher abarca, ela vai além e afirma que esses desafios é fruto de processos das lutas das mulheres ao longo da história e diz achar essa carga deliciosa. Podemos ver que leitura não se direciona nem para uma conceitualização de gênero no sentido biológico nem num sentido de construto social, ela vê a mulher nas atividades e fala com orgulho dessa sobrecarga de atividades, que na realidade é imposta a mulher, como condição de ser considerada socialmente mulher, porque essa exaustão não é vista como algo prejudicial? Esse orgulho por ser múltipla, por muitas vezes ir além dos seus limites físicos e mentais está atrelado às facetas do modelo social empregado ao gênero.

Por isso, ao ser mulher, deve-se atender a esses requisitos, se encaixar no padrão, se adequar e, mesmo sem se sentir bem, se orgulhar pelos olhares sociais que a reconhecem enquanto mulher. Entende-se que com as lutas “pode-se ser qualquer coisa na vida profissional, o que não pode é deixar de ser mulher”, ou seja, não se pode deixar de exercer as tarefas que historicamente lhe foram reservadas, então existe um sentimento de satisfação por dar conta de tudo e ainda assim ser a mulher que se espera que seja. Simone de Beauvoir

(2016) elucida no capítulo intitulado “A mulher moderna” essas relações de exaustão que as mulheres que vão contra a normativa patriarcal são submetidas:” ...As que tem um credo político, as que militam nos sindicatos, as que confiam no futuro, podem dar sentido ético as ingratas fadigas cotidianas, mas, privadas de lazeres...” (BEAUVOIR, 2016,p.880). Quais os sacrifícios mais nos serão cobrados para também conquistarmos o posto de ser humano?

Na segunda entrevista a professora respondeu a questão geradora afirmando que:

*É uma situação plena, eu amo ser mulher, não me vejo em outro sexo a não ser mulher porque é um conjunto. É ser mãe, é ter sensibilidade à flor da pele. Me enche de amor e de orgulho pelas conquistas que nós já tivemos seja no campo do trabalho seja também nos nossos relacionamentos que a mulher aprendeu a se posicionar a dizer não sou realizada como mulher.(Entrevistada 2)*

No trecho acima, podemos ver que ela fala que há uma plenitude em ser mulher ao mesmo tempo em que direciona o significado do ser mulher a “ser mãe” e “ter sensibilidade a flor da pele”, percebemos aqui a sutileza com que se atrela a um sentido biológico as definições do ser mulher, pois faz ligação com as funções biológicas de um órgão reprodutor da fêmea, essa função do ser mãe foi desde de Aristóteles vista como uma das poucas funções importantes para humanidade que têm ligação com o corpo lido como mulher ao longo da história, como afirma Elisabeth Badinter ( 1985 ) em sua obra “Um amor conquistado: o mito do amor materno” no trecho “ O legado aristotélico.” :

Desvalorizada do ponto de vista metafísico, pois encarna o princípio negativo, a matéria (contrariamente ao homem, que personifica a forma, princípio divino sinônimo de pensamento e de inteligência), a mulher é igualmente considerada personagem secundária na concepção. Semelhante à terra que precisa ser semeada, seu único mérito é ser um bom ventre. Como é dotada de uma frágil capacidade de deliberação, o filósofo deduz logicamente que sua opinião não é digna de consideração. A única virtude moral que lhe reconhecia era a de "vencer a dificuldade de obedecer". Sua honra residia num modesto silêncio...( BADINTER, 1985, pág. 31 )

Até os dias de hoje esse tipo de discurso fica implícito nas definições do ser mulher e reverbera nas ditas “fragilidades da mulher” e sua “defasada capacidade” agir de modo mais ativo diante as decisões, posicionamentos e ações socialmente importantes. Isso traz a reflexão em torno do que seria essa sensibilidade? O que na narrativa da entrevistada 2 soa como positivo, para pensadores como Aristóteles (precisa citar em qual obra e ano) é o ponto

da fraqueza da mulher. Aqui, a sensibilidade não é vista a partir de um olhar filosófico que ver-se como algo que traz consigo um poder abstração de pensamento, mas sim como algo que impede uma maior eficácia da razão e do pensamento coerente, característica majoritariamente direcionada a mulher é vista como defeito, afinal nada mais há de proveitoso da mulher que não a reprodutora, a serva sexual e a submissa.

A entrevistada 3 que ao ser questionada sobre o que é ser mulher responde:

*Rapaz em várias etapas da vida eu teria definições diferentes porque eu sempre morei com os meus pais aquela questão, eu acho que eu vi me descobrindo ano a ano eu acho que nos últimos 10-15 anos eu tenho uma visão muito diferente mais libertadora de luta, não digo nem de luta sindical, porque eu estou a um ano e pouco no sindicato, eu falo de auto-afirmação eu como pessoa, como mulher, do que eu posso fazer do meu potencial, a nível de morar só. Já tem alguns anos que eu moro só coisa que eu não idealizava, ser mulher hoje é uma coisa libertadora. (Entrevistada 3)*

Como vimos em sua fala, fica perceptível as definições de mulher podem ser contextualizadas num tempo histórico, pelo fato de morar com os pais e ter uma educação tradicionalmente patriarcal ela reconhece o quão diferente ela descobriu-se, permitiu-se e lutou para ser, ela contrapõe-se ao perfil hegemonicamente imposto às mulheres e reconhece que foi através das lutas travadas não só na rede, mas também no seu cotidiano, na quebra de valores e atitudes dos padrões familiares.

Com isso, destacamos a importância da reflexão sobre o gênero na vida, nas relações cotidianas e familiares.. O desafio da mulher que se contrapõe a enfrentar esse padrão tem sérias consequências, há relatos comuns de mulheres que têm dificuldades em conseguir trabalhar, sentirem-se seguras em suas próprias casas.

Nesse tocante, Beauvoir (2016), fala que "se as dificuldades são mais evidentes na mulher independente é porque ela não escolheu a resignação e sim a luta." Narrativas como o da entrevistada 3 têm sido constantes em nossa sociedade, no entanto elas continuam sendo de certo modo exceção dentro do cenário ocidental, em que as mulheres ainda são subjugadas a formação e as permanentes cobranças familiares e sociais para que se adeque às exigências do padrão para serem lidas como mulheres. Pois, vale ressaltar que a entrevistada não idealizava (tendo em vista sua formação) morar só, e esse processo também a fez enxergar a si no mundo a partir de sua subjetividade, ou seja, "*ser mulher hoje como uma coisa libertadora*", afinal ser essa mulher fora da curva custou entraves até essa sensação de liberdade.

No que se refere a entrevistada 4, a questão geradora explicitou a seguinte colocação:

*Não sei definir muito bem o que é ser uma mulher ser mulher é fazer tudo que quiser fazer, a não ser que tenha a gestação. Tudo que a mulher faz o homem pode fazer na minha cabeça, então eu não entendo assim que você é mulher diferente do que o homem faz e o que é ser mulher nesse contexto, porque na minha cabeça o que ela faz o homem também pode fazer então. Eu não sei eu acho que a mulher hoje é obrigada a fazer coisas porque a cultura designa, algumas tarefas que a meu ver não é obrigação só da mulher fazer, é de todos tanto a mulher quanto o homem, porque a mulher é espírito maternal e não sei o que é isso tudo para mim. Eu sempre trabalhei fora e te teve filhos sempre trabalhei mais fora de casa do que em casa então para mim eu não vejo de ser mulher tem ser dona de casa. (Entrevistada 4)*

Neste relato os posicionamentos divergem entre si, pois ao mesmo tempo que se coloca de igual para igual ao homem, se reafirma a obrigatoriedade de cumprir com códigos de condutas que a cultura patriarcal propõe. Além do posto, ela aponta elementos que reportam para certo discurso do espírito maternal, algo inato à mulher, como aquilo que pode a caracterizar como mulher e a diferenciar do homem, com isso, não percebe que a própria ideia de maternidade é algo que ultrapassa a dimensão biológica, tendo em vista que o ser mãe é algo socialmente atribuído como realização exitosa e uma condição imposta para as mulheres..

Por fim, temos a última entrevista da pesquisa e seu ponto de vista sobre o significado de ser mulher:

*No contexto atual é assumir várias atribuições, são atribuições no trabalho, atribuições na vida acadêmica, atribuições no lar diante dos seus interesses e perspectivas porque a mulher se ela colocou ela conquistou mas ela continua carregando um peso muito grande em relação às atividades o olhar para os filhos não que obrigação e a responsabilidade seja apenas da mulher não há responsabilidade tem que ser compartilhada, mas é bem comum que quando vai levar um filho para o médico que me leve a mãe que apresentou atestado no trabalho é a mãe quando o filho está internado, então ser mulher para mim eu penso em assumir vários contextos na sociedade que eu posso estar envolvida. (Entrevistada 5)*

No decorrer da entrevista a professora fala sobre a sobrecarga que advém das séries de obrigações que recaem sobre as mulheres e o quão difícil é conciliar tudo isso, ainda afirma sobre as responsabilidades em momentos cruciais na criação dos filhos, como o acompanhamento e cuidados com a saúde, pois quem prioritariamente “tem” que abrir mão de outros compromissos (como trabalho) para dar suporte às necessidades dos filhos é a mulher. Socialmente subentende-se essas ações/iniciativas como naturais e obrigatória para as mulheres, isso reforça a discussão sobre essa sobrecarga e o reforço social e cultural dado as atribuições das mulheres. Contudo, sabemos que não há nada na natureza que justifique que as maiores responsabilidades com a criação dos filhos seja da mulher, o homem tem as mesmas responsabilidades, inclusive jurídicas, nos cuidados com os filhos, assim, sabemos que só um forte imaginário social é capaz de sobrecarregar as mulheres e fomentar ações de abandonos dos filhos por parte dos homens.

Observando e refletindo em torno das narrativas aqui expostas, prosseguimos a análise levando em consideração algumas categorias, além disso, levamos em consideração outras narrativas que surgiram a partir de questões que foram provocadas no decorrer da entrevista, como por exemplo?.

No que diz respeito a concepção de gênero, vemos que as narrativas reverberam concepções de gênero distintas, em algumas das falas ficou explícito o sentido biológico atrelado ao gênero, por exemplo, nesse trecho específico da entrevistada 2: “*Ser mulher...é um conjunto é ser mãe, é ter sensibilidade à flor da pele...*”. Permanece aqui a tradicional identificação do gênero a partir do sentido biológico, o que leva em conta o aparelho reprodutor. Sobre tal aspecto Louro (1997) vai afirmar que:

“É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em dada sociedade e em dado momento histórico.” (LOURO 1997, p. 21).

Na entrevista 4 fala que “... *Ser mulher é fazer tudo que quiser fazer... A mulher hoje é obrigado a fazer coisas porque a cultura designa algumas tarefas...*” . O fato dela conseguir perceber que as atividades antes vistas como naturais de mulheres, mas que na verdade foram socialmente reservadas às mulheres por se entender como atividades menos importantes para a manutenção do sistema patriarcal, já suscita o olhar para o gênero e papéis de gênero socialmente constituídos, o que converge com a discussão e o posicionamento que



vem sendo defendida aqui nesse texto, que as concepções de gênero são socialmente criadas, exigidas e postas em prática.

Outra categoria é a que nomeamos como “mito do amor materno, fazendo alusão a Badinter (1985), pois, no decorrer das narrativas o uso do termo maternidade foi constante para definir o que viria a ser uma mulher, e mais, não propriamente a concepção, um suposto sentimento maternal sendo dito como inato a toda mulher. É o que podemos observar neste trecho da entrevistada 4: “...*A mulher é espírito maternal...*”, isso reforça essa pseudo naturalidade, um sentimento meio animalesco, com certo tom de divindade. Mas, o que a vida social tem mostrado é que as relações com os filhos se constituem de maneira diferente das idealizadas. Para Badinter (1985):

O Amor, no reino humano, não é simplesmente uma norma. Nele intervêm numerosos fatores que não a respeitam. Ao contrário do reino animal, imerso na natureza e submetido ao seu determinismo, o humano — no caso, a mulher — é um ser histórico, o único vivente dotado da faculdade de simbolizar, o que o põe acima da esfera propriamente animal. (Badinter,1985,p.14).

Não é somente o fato de o corpo ser socialmente lido como feminino que automaticamente ou naturalmente terá esse sentimento de maternidade estabelecido, ele (o sentimento) assim como o gênero, foram culturalmente entranhados nas mulheres. É comum presenciar cenas em que os familiares ou alguém que conviva com uma criança do sexo biológico feminino presenteá-la com bonecas, artefato utilizado nas brincadeiras que remetem ao cuidado com uma preparação para a maternidade, cuidar das bonecas mimetizando os cuidados com os filhos. Para Beauvoir (2012), é agressivo que alguém seja condicionado desde o início da sua existência a pensar e agir em um formato rígido e pré estabelecido.

Por outro lado, observamos que mesmo com as mudanças de comportamentos e escolhas sociais a mulher não deixou de realizar as atividades que lhe foram historicamente atribuídas, foi o que constatamos na fala da entrevistada 1, que trouxe essa carga de atividades como uma vitória da mulher, ela ainda afirma com certa satisfação. Mas, porque para exercer funções que historicamente foram atribuídas ao homem a mulher continuar executando, sozinha, as atividades que socialmente lhe foram dadas? Essas questões trazem uma

possibilidade de reflexão em torno dessa pseudo libertação, que obriga a mulher a se manter cativa ao lar e muitas vezes as obrigações do matrimônio.

Com isso, queremos afirmar que definir a carga de atividades como algo prazeroso, pode mascarar uma exaustão que reflete nas estruturas físicas e psicológicas, existem uma série de casos de mulheres que não suportam as atividades cotidianas do lar e da profissão. A sobrecarga pode adoecer e matar, o que fazer quando não se é possível dar conta de toda essa conjuntura de obrigações? Em certo sentido podemos afirmar que na busca da liberdade social e cultural a mulher acabou sendo vítima de um aprisionamento social que continua delegando alguns papéis para ela, se por um lado ela conquistou o mundo do trabalho e algumas possibilidades de escolhas, como não ter filho e não se casar, por outro, ela não deixou de fazer algumas atividade que historicamente lhe foram dadas, como cuidar da casa e dos filhos. Na obra *O Segundo Sexo* a autora já alerta para essa problemática quando afirma que “as que tem credo político, as que militam nos sindicatos, as que confiam no futuro, podem dar um sentido ético as ingratas fadigas cotidianas, mas privadas de lazeres, herdeiras de uma tradição de submissão...” (Beauvoir, 2012, p. 880).

Em outra narrativa a entrevistada 5 diz que: “*No contexto atual é assumir várias atribuições, são atribuições no trabalho, atribuições na vida acadêmica, atribuições no lar diante dos seus interesses e perspectivas...*” Aqui chega-se a uma definição de gênero de maneira mais sofisticada e que maquiou sua opressão. A opressão anterior era explícita, mas quando nesta não é simplório identificar as novas formas do machismo, aqui está implícita a inserção da mulher dentro de um novo padrão, que aprisiona da mesma maneira, ou seja, a mulher livre e feliz com funções no lar, no trabalho e com os filho, quase sem tempo pra si mesma, tudo rodeado de um sentimento estranho de satisfação, igual a satisfação que há algumas décadas era muito presente entre as moças que casavam e viviam para servir aos seus maridos, lar e filhos como único projeto de vida.

A segunda questão da entrevista fixou-se em perguntar: “*Pra você como é ser mulher e professora ?*”, esta teve o intuito de identificar como concebem sua profissão e investigou como se dá a relação entre a docência e ser mulher, assim sendo a entrevista 1 respondeu que:

*Eu acho que é desafio, acho que a mulher ela tem um olhar diferenciado para educação, eu acho que a educação é menos técnica e mais afetiva sobre olhar da mulher porque acho que não adianta a gente fazer um discurso feminista cego e deixar de olhar a mulher, porque a mulher defende a luta de classe, a luta de gênero, a mulher que quer defender o seu espaço*

*de trabalho, ela perde o olhar mais afetuoso que ela tem ou quer reconhecer esse olhar afetuoso, é deixar de ser essa mulher que luta e que conquista espaços, então a mulher professora ela tem esse olhar sabe, maior até que o professor não sei se é porque a gente está voltada para educação infantil para o ensino fundamental do 1º ao 5º ano então a gente tá com alunos menores que proporcionam a gente esse maior vínculo. A grande maioria das mulheres está dentro dos cursos de licenciatura em pedagogia. (Entrevistada 1)*

Aqui a entrevistada 1 fala sobre uma ótica diferenciada entre o olhar feminino e o olhar masculino no que diz respeito à educação, esse olhar segundo a entrevistada 1 faz com que a educação seja menos técnica e mais afetuosa. Podemos ver que ela reforça o imaginário social das representações do que se espera de um perfil docente e da mulher, além de ligar isso a educação de um modo positivo e necessário. O processo de formação desse perfil docente imbrica na criação de representação para este, Louro (1997, pág. 99) afirma que:

*As representações de professoras e professores dizem algo sobre esses sujeitos delineiam seus modos e traços, definem seus contornos, caracterizam suas práticas, permitem-nos, enfim, afirmar se o indivíduo pode ou não ser identificado como pertencente a esse grupo... Essas representações não são, contudo, meras descrições que refletem as práticas desses sujeitos; elas são, de fato, descrições que os constituem, que os produzem.*

As entrevistadas 2 e 3 responderam esta questão da seguinte maneira:

*É difícil conciliar mas a gente consegue, a gente organiza o tempo e planeja porque sou mulher, sou mãe, sou dona de casa e professora, não é só ser mulher e professora a mulher desenvolve muitas tarefas nós somos multitarefas, mas a gente consegue desenvolver bem cada uma delas. (Entrevistada 2)*

*Eu acho assim existe uma concepção que sempre uma mulher vai ser melhor moldada para ser professora, hoje eu diria tanta coisa, é que eu acho que a mulher ela consegue desenvolver vários papéis ao mesmo tempo, ela tem um olhar de mãe assim que consegue abraçar essa profissão melhor que o homem. Eu acredito que a mulher ela abraça a profissão com mais perfeição é o que eu acho. (Entrevistada 3)*

Nestas narrativas é possível identificar a complexidade de ser mulher e suas múltiplas atribuições sociais, além disso, fica explícito na fala da entrevistada 3 a associação da maternidade a docência, o que historicamente contribuiu para o processo de feminização do magistério, Louro (1997, pág. 104) fala que: “A concepção do magistério como uma extensão da maternidade, como um exercício de doação e amor, como uma atividade que exigia uma entrega vai constituir-lo como a grande alternativa.” Essa alternativa dita pela autora diz respeito ao magistério, as mulheres só poderiam exercer uma profissão que não atrapalhasse as atividades socialmente atribuídas a ela, então na narrativa da entrevistada 3 o eco desse imaginário social ligado ao magistério se reforça, esse imaginário inclusive dificulta a atuação de professores homens a Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

No que diz respeito à segunda questão desta entrevista semi-estruturada, a entrevistada 4 respondeu a do seguinte modo:

*É complicado, porque você tem assim, professora trabalha e ensina, porque professor que não ensina não existe, entre duas jornadas três jornadas até ter preocupação com os filhos dela e com filhos dos outros. Professor é uma barra, tem que lidar com os seus filhos que ficam sozinhos em casa e tem que lidar com os filhos dos outros, porque são sua responsabilidade se não você não consegue fazer seu trabalho, se você não tiver preocupada com a educação dos seus alunos é bem difícil. (Entrevistada 4)*

Temos aqui a associação da problemática da docência ao fato de ter que lidar com os alunos num sentido não de pessoas de um modo geral, mas sim com a lógica de filhos, “filhos dos outros” como a entrevistada 4 mesmo disse. Além disso também fala da necessidade de uma preocupação com a educação dos num sentido de cuidado, pois, ela atribui uma prática que deveria ser familiar ao magistério exercido por ela enquanto mulher. Segundo os escritos de Louro (1997, pág 107):

*“... a representação dominante do professor homem foi e ainda continua sendo e provavelmente ainda seja mais ligada a autoridade e ao conhecimento, enquanto que da professora mulher se vinculava mais ao cuidado e ao apoio “maternal” à aprendizagem dos/das alunos/alunas.”*

Isso reafirma os processos que levaram e ainda garantem a feminização do magistério.

*Eu acho que isso de ser professora é um enfrentamento a cada dia ... é uma luta constante porque às vezes você quer participar de algo acadêmico, de uma palestra, de um congresso e sua carga horária não permite. Nós temos uma aula atividade que na verdade ainda é muito pouco diante da correria da situação em que a gente convive então ser professor é um desafio, às gerações futuras olha assim e diz não, não quero isso para mim, muitos jovens não querem, principalmente quando se depara que se tem o professor dentro de casa e pensa: “Poxa vida da minha mãe super corrida e ganhar pouco, será que eu quero isso para mim?” Então assim em relação à valorização para futura geração de ser professor é um desafio também.”*  
(Entrevistada 5)

Neste discurso é possível perceber que a entrevistada 5 faz associação a precarização docente e suas problemáticas na vida profissional e prática do professor(a), e não enfatiza tanto nas questões relacionadas ao gênero. Porém, podemos ligar essa precarização da função ao fato de ser uma histórica e majoritariamente exercida por mulheres, pois assim como a mulher a própria profissão torna-se subalterna, sendo assim, a feminização da docência também interfere na má remuneração e as condições de trabalho que essa profissão tem socialmente. Podemos dizer, a partir deste raciocínio, que se uma mulher socialmente é frágil e um ser menor, logo deve ganhar menos pela sua função profissional.

No decorrer das entrevistas os discursos em torno da concepção de gênero das professoras entrevistadas apontou que duas delas entendem o gênero como um construto social que se relaciona com as diversas atividades que a mulher é levada e cobrada a fazer socialmente, enquanto as outras três têm a concepção do gênero enquanto biológico atrelando em suas narrativas o ser mulher diretamente ligado especialmente à maternidade.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar dessa função social pré-pensada para a mulher, na docência e na escola, ainda existe a possibilidade de criar furos nesse muro que impede a visão de alcançar outros horizontes, esse muro trata-se da efetivação da norma em nossa sociedade através das instituições. Questionar as concepções de gênero e os processos do imaginário social atrelado a docência na educação básica até a superior é criar possibilidades, aguçar para o crítico, é estranhar o modo como está posto, negar os padrões, ou melhor, é se questionar porque eles existem, porque são dessa forma e quem tira vantagem disso tudo. Discutir e problematizar a

norma pode deslocar o pensamento das pessoas como as professoras aqui entrevistadas ou os leitores deste trabalho.

É um dado significativo perceber o quão naturalizadas podem ser as vidas das pessoas que tem como objetivo central, fazê-las servir ao machismo socialmente instaurado na contemporaneidade (o qual seria: viver para conseguir um marido, ser mãe, cuidar dos filhos, ser dona de casa, entre outras funções atreladas a uma “mulher de bem” ). Mesmo com toda investida no silenciamento dessas questões, e nas entrelinhas do emaranhado social, é indispensável continuarmos a provocar este debate em nossas práticas docentes, inclusive na formação continuada e em especial nos movimentos sociais (como os sindicatos), pois, só insistindo nessa luta e nas mudanças dos discursos produzidos socialmente, é que talvez seja possível ver o que se tem e o que podemos criar, a partir dos furos nesse muro, é importante nos fixarmos nas muitas potências existentes nas tentativas em furar o muro das normativas sociais.

Assim, a escola tem sido historicamente um local estratégico para que estas questões sejam abordadas. Rever como as professoras concebem nos permite visualizar de que formas estão contribuindo para a produção das narrativas entre seus educandos e nos diversos espaços onde se dá a relação pedagógica. Se a educação e a profissão docente não fossem locais estratégicos nesse embate discursivo e social, a temática sobre o gênero não seria tão perseguida no contexto político atual.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo: fatos e mitos**/Simone de Beauvoir; tradução Sérgio Milliet. – 3. Ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BADINTER, Elisabeth. B126a: **Um Amor conquistado: o mito do amor materno..** Elisabeth Badinter; tradução de Waltensir Dutra. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CELESTINO, Rafaela Soares. Tese doutorado intitulada: **Ensaio sobre Literatura e Educação: entre o calcanhar de Aquiles e os devaneios de Alice**. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Lígia M. Pondé Vassalo. Petrópolis, Vozes, 1987.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_, Guacira Lopes. Docência, memória e gênero: estudos sobre a formação/ Texto: Gênero e Magistério: identidade, história, representação. Páginas. 73-83. Organização Denice Barbara Catani. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

\_\_\_\_\_, Guacira Lopes. **Pedagogia da sexualidade**. O corpo educado: pedagogias da sexualidade/Guacira Lopes Louro (organizadora); Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva – 2. Ed., 3ª reimpressão – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LUDKE, M. ANDRÉ. M. Pesquisa **em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Ed. EPU. 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1998.

SAVIANI, Dermeval. Histórias das Ideias Pedagógicas no Brasil. Campinas-SP: Autores Associados, 2007.